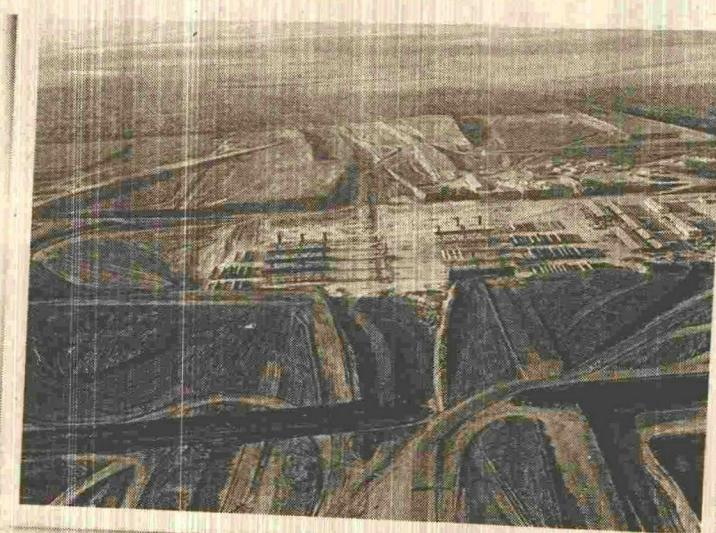


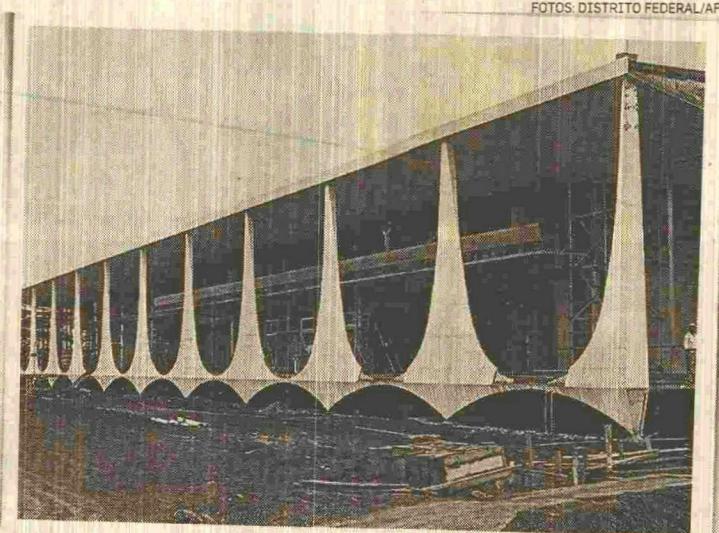
MAQUETE VIVA. A capital federal chega aos 50 anos



Anos 50. Foto aérea do início das obras em Brasília



Anos 50. Niemeyer observa maquete da futura cidade



Fim dos anos 50. Construção do Palácio da Alvorada

Dos endereços em hieróglifos às 'ruas'

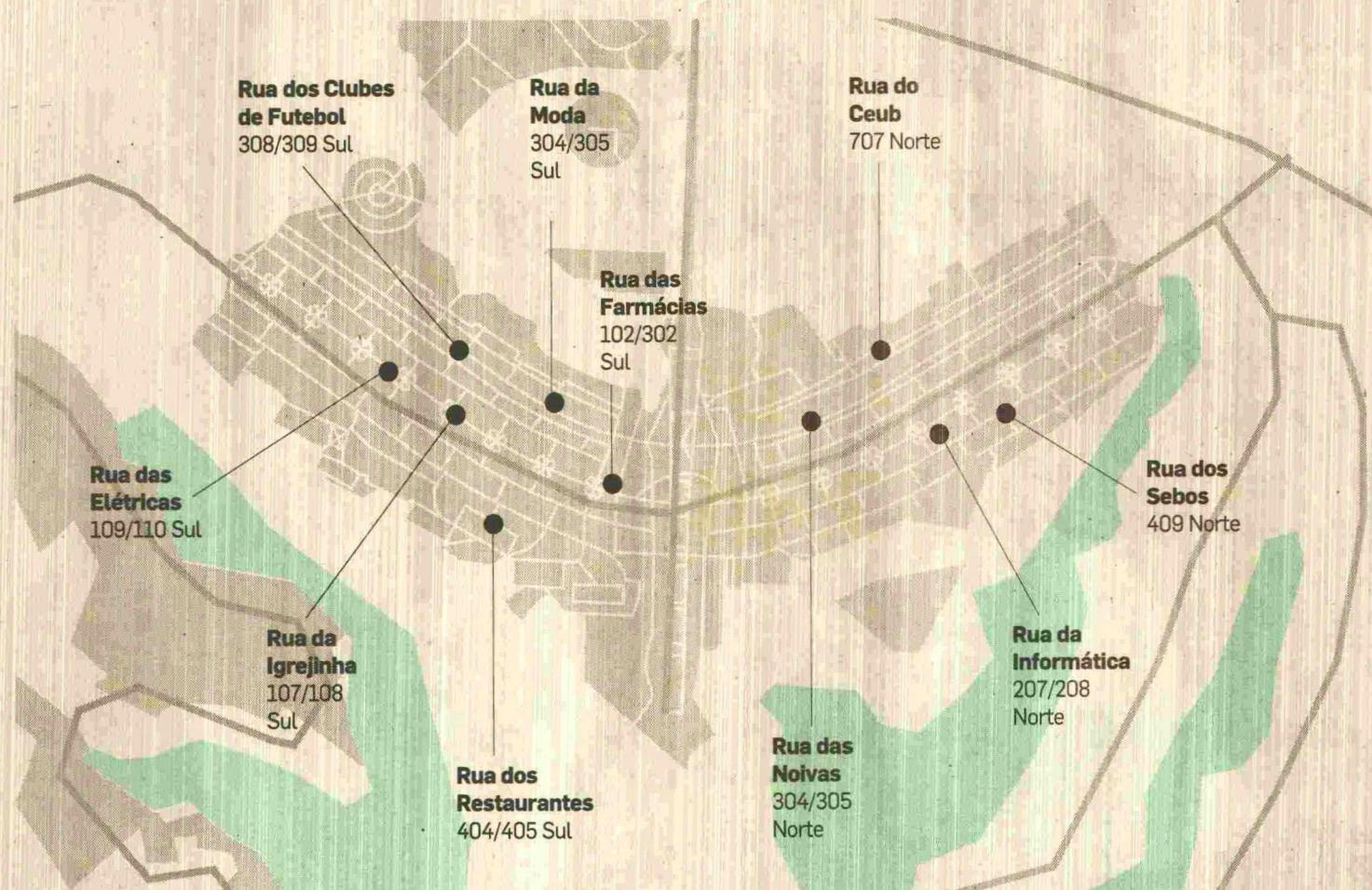
'Candangos' se dão o presente de terem superado as arrumações dos croquis e hoje seus trejeitos, virtudes e manias mandam na cidade



Comércio para valer. Os candangos, como os próprios brasilienses se definem, transformaram a 102 sul na "Rua das Farmácias", num movimento que muda a cidade

Rui Nogueira
Rafael Moraes Moura
BRASÍLIA

A INVENÇÃO DAS RUAS



os candangos da maioria urbana está no fato de os administradores não conseguirem mais impor suas vontades políticas à cidade. A cidade se rebelou contra a ideia de que os desejos de Oscar Niemeyer são, naturalmente, os desejos da capital. Brasília reconhece o valor da obra do arquiteto, mas, no ano passado, quando ele propôs uma nova praça, dotada de um obelisco triangular de cem metros de altura, os candangos se perguntaram com a ajuda do Ministério Público se era isso mesmo de que precisavam.

O indício que mais aproxima

de vista, um patrimônio legado pelo traço de Lucio Costa, os brasilienses avaliaram que o obelisco serviria apenas para poluir a paisagem da Esplanada dos Ministérios. Enfim, os de Brasília, como diz a doutora da UnB em linguística Stella Maris Bortoni-Ricardo, mostraram que "são, acima de tudo, brasileiros, que não perderam a característica de inventar nomes, rebatizar lugares e criar uma outra cidade".

Entrequadras. Foi no ato de "recriar", enunciado por Stella Maris, que o comércio de conveniência das entrequadras de Bra-

sília, nascido no tempo em que não havia nem megashoppings nem hipermercados, se reinventou. Em nome da sobrevivência, e sem abandonar a marca da setorização, os comerciantes começaram a se agrupar por temas, facilitando a referência para os clientes: uma penca de lojas de material eletrônico migrou para a entrequadra 207/208 Norte e "fundou" a "Rua da Informática". A 304/305 Sul especializou-se em produtos casamenteiros e virou "Rua das Noivas". E por aí vai. A pequena e bela Igreja de Nossa Senhora de Fátima é tão marcante na 107/108 Sul que fez

a entrequadra ganhar a carinhosa denominação de "Rua da Igrejinha".

A vida com meio século às costas dita os nomes, aproxima os endereços dos hábitos e rejeita artificialismos e espertezas políticas como o batismo da nova ponte de Brasília, pelo então governador Joaquim Roriz, de "Ponte JK". Numa cidade que homenageia de sobra o presidente Juscelino Kubitschek, a placa está lá, mas, da mesma forma que os cariocas só chamam o estádio Mário Filho de Maracanã, os brasilienses se referem à Ponte JK como "Terceira Ponte". E já que

não pode ser o que deveria ter sido, "Ponte do Mosteiro", a má-lícia juvenil, olhando para a forma dos arcos, rebatizou-a novamente de "Ponte McDonald's". O riso combate o risível.

Usucapião. Outra evidência da tomada de posse da cidade por usucapião social está na maneira como os gramados são usados hoje. Os tapetes sagrados, onde ninguém botava o pé e serviam apenas para enfeitar o asfalto e o concreto dos prédios, viraram praças públicas. A mais democrática delas é a enorme Esplanada dos Ministérios, uma área equivalente a uns quatro campos de futebol que, de terça a quinta, ao ritmo do Congresso, acolhe centenas de manifestantes, de sem-terra a índios, de fazendeiros a sindicalistas de todas as centrais. Nos finais de semana, entre outros esportes, é possível assistir a uma pelada de rugby que tem os esbarros amortecidos pela bem tratada e cortada grama poder.

Aos 50, Brasília já é o que seus moradores querem que ela seja, em vez de ser apenas aquilo que os arquitetos, os administradores e os políticos julgam ser o melhor para a cidade. E ficou politicamente madura depois de uma longa ditadura (1964-1985) e uma sucessão de Repúblicas - da República do Maranhão, com Sarney, à República do ABC, com Luiz Inácio Lula da Silva. Tão madura que um dos seus ditos filhos, o poeta Nicolas Behr, 51 anos, cuiabano de nascimento, não tem dúvida sobre a melhor saída para os problemas políticos da Brasília cinquentenária, mensaleira, nem melhor nem pior do que todas as outras capitais. "A democracia é o único regime político que pode ser melhorado. Tudo o que aumenta a consciência política é bom para a democracia". Sentença de poeta!

Amantes do horizonte a per-